



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

EDUCAÇÃO FÍSICA E TEORIA DA SUBJETIVIDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES À EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA

Jonatas Maia da Costa

Resumo: O texto apresenta a teoria da subjetividade numa perspectiva cultural-histórica e a Epistemologia Qualitativa, contribuições do pensamento científico do psicólogo cubano González Rey. Identifica uma possibilidade de inserção destas teorias ao debate epistemológico da educação física especificamente na interface com as ciências antropológicas.

Palavras-chave: Epistemologia; Subjetividade; Educação Física.

INTRODUÇÃO

A educação física brasileira do tempo presente parece viver uma nova crise. A década de 1980 foi catalisadora de sua primeira crise (MEDINA, 1983) e teve como principal desdobramento a incorporação da teoria social como agente científico norteador ou, ao menos, tensionador de sua prática social principalmente nos espaços da escola, do esporte e da saúde. À época fora um debate imprescindível aos objetivos identitários da área. Passados pouco mais de trinta anos, em nossa opinião, a educação física passa a reviver outra crise, entretanto, pressionada por um contexto histórico bastante distinto. O eminente fim do socialismo real consubstanciado a mais forte crise do capitalismo, une-se aos tempos de uma sociedade que chegou a níveis de consumo que tem degradado o planeta a tal ponto de ser possível vaticinar o fim da humanidade. Obviamente que esse panorama mundial interfere nas formas de se pensar a humanidade, e a ciência, representante legitimadora desse pensamento, tem requerido novos modelos teóricos não só que busquem respostas explicativas para o vivido, mas que também proponham solução para os problemas enfrentados. Nesse sentido e retornando ao debate específico da crise identitária da educação física, entendemos como fundamental enriquecer o debate epistemológico da área introduzindo novos aportes científicos que paulatinamente vem se constituindo num movimento pós-estruturalista da área. Isso já é possível perceber no interior do debate acadêmico da educação física em trabalhos como o de Bracht e Almeida (2006) e Fensterseifer (2001). Ao contrário da “primeira crise” da educação física que subsidiou seus apontamentos segundo os princípios da modernidade tendo no materialismo-histórico sua maior expressão epistemológica, esses



autores têm paulatinamente reivindicado novos olhares para a especificidade da educação física nos termos de outro paradigma.

Na esteira desse movimento é que apresentamos neste estudo a Teoria da Subjetividade numa perspectiva cultural-histórica ou Teoria da Subjetividade de González Rey. Fernando Luis González Rey é um psicólogo e pesquisador cubano, radicado no Brasil e reconhecido internacionalmente como estudioso da teoria vigotiskiana¹. O autor apresenta uma nova abordagem científico-metodológica na área da Psicologia Social denominada Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 1997, 2005d), que expressa metodologicamente a sua teoria da subjetividade, a qual propõe um método científico centrado na compreensão subjetiva dos fenômenos de natureza ontologicamente complexa. Embora possua algumas particularidades, entendemos que ela potencializa a abertura de novos olhares epistêmicos para a educação física com possibilidades reais de impactar a esfera profissional e científica, na medida em que possui bases teórico-metodológicas capazes de produzir investigações em todas as práticas antropossociais.

A TEORIA DA SUBJETIVIDADE NUMA PERSPECTIVA CULTURAL-HISTÓRICA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

De antemão, é necessário precisar que a subjetividade a qual tematizamos neste trabalho e que se apresenta como referencial hegemônico e núcleo teórico desse estudo é, por nós compreendida, um conceito que possui base científica e uma teoria em amplo desenvolvimento. Há aqui o interesse em circunscrever nossas ideias a partir da Teoria da Subjetividade numa perspectiva cultural-história ou Teoria da Subjetividade de González Rey. Para tanto, destacaremos a seguir seus pressupostos histórico-filosóficos e sua construção epistemológica que se situou na Psicologia e que ao longo dos últimos trinta anos vêm se inserindo nas ciências humanas e sociais.

Na psicologia, a Teoria da Subjetividade contrapõe o amplo desenvolvimento dos estudos segundo um modelo científico positivista que se baseiam em princípios objetivistas e que desdobram visões reducionistas, deterministas, quantitativas e mecanicistas da *psique* humana (GONZÁLEZ REY, 1997, 2005a). Em meio a esta perspectiva tradicional de ciência, a psicologia negou ao longo de sua trajetória acadêmico-científica a compreensão subjetiva

¹ Em 2014, González Rey foi keynotesp no



dos processos psíquicos. Pontualmente, a crítica de González Rey (2005a) alerta que o paradigma cartesiano-newtoniano está tão fortemente arraigado à cultura ocidental que nenhuma das ciências sociais permaneceu imune as suas influências e em particular à psicologia, mesmo quando é sabido que tal paradigma tenha sido superado nas ciências naturais a partir do advento do Princípio da Incerteza de Heisenberg e a Teoria da Relatividade de Einstein. Segundo o autor, o corolário disso – na psicologia – é o esgotamento de uma pretensão científica que se traduza em teoria. Esse panorama histórico-científico na psicologia introduziu o pensamento de que há uma divisão entre a produção teórica e a investigação científica. González Rey (2005a) relembra que os principais sistemas teóricos produzidos na psicologia não se configuravam intencionalmente como campos de investigação científica, vide Freud² e Lacan. Marcada pelo viés positivista de ciência, a investigação científica da psicologia permaneceu fiel aos limites do verificacionismo indutivista dos fenômenos empíricos. Nesse sentido, González Rey (2005a, p.70) observa que

[...] a produção da “psicologia científica” era totalmente atórica, apoiando-se linearmente na produção de dados em relação aos quais a produção de ideias passou a ser considerada de forma pejorativa, pois a rejeição à metafísica especulativa e a impossibilidade de uma opção epistemológica que permitisse resgatar o teórico, deixando fora o especulativo, terminou em uma rejeição ao lugar das ideias na produção do pensamento. Desta forma, a produção de categorias tinha um caráter essencialmente empírico, no qual apareceram os conceitos como “envolturas” de realidades empíricas.

Esse contexto epistemológico da psicologia inspirou González Rey a romper com esta ordem que obliterava contundentemente o caráter cultural e histórico da *psique* humana. A subjetividade será então a expressão qualitativa do esforço teórico de “reconceituar o fenômeno psíquico em uma ontologia própria, específica do tipo de organização e processos que o caracterizam” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.73). Isso só foi possível em face à apropriação da dialética pelos psicólogos, situados em condições sociais específicas, mormente às materializadas pela revolução russa. A psicologia soviética foi, portanto, precursora no desenvolvimento de uma psicologia que ampliara a compreensão dos fenômenos psicológicos condicionando-os aos aspectos sociais, históricos e culturais. A constituição da subjetividade em González Rey como “uma representação da *psique* em uma

² Freud nunca elaborou sua experiência segundo uma perspectiva epistemológica que lhe permitiria o desenvolvimento de posições metodológicas alternativas. (GONZÁLEZ REY, 2005a).



nova dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico³”; teve, no pensamento de Vigotsky e Rubinstein, reconhecidamente expoentes da psicologia soviética, suas maiores influências (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.75).

A apropriação da dialética e do marxismo em Vigotsky e Rubinstein será um marco na psicologia uma vez que ela situa o início do fim das grandes dicotomias da área como o cognitivo e o afetivo, o consciente e o inconsciente, o social e o individual. Esta última, em específico, guarda uma importante e polêmica contribuição desses dois vanguardistas da psicologia soviética. O social passa a ser um elemento importante na compreensão dos processos psicológicos. Entretanto, ao viver as contradições dos desdobramentos da revolução - expressadas no stalinismo - a psicologia russa paulatinamente vai conferindo ao social o núcleo constituinte do psíquico numa clara acepção de um determinismo mecanicista, que imputa o social como a causa da psique. Este fato marcou a obra de Vigotsky num determinado período, mas ele conseguiu superá-la mais adiante a partir de sua compreensão dialética que encerra a complexa relação entre o social e os processos psicológicos. Por isso vale dizer que a “sua (de Vigotsky) representação complexa do social não está pronta *a priori*; ela vai se desenvolvendo no processo da própria obra do autor russo, e na especificidade dos desafios que sua própria produção vai gerando” (GONZÁLEZ REY, 2012a, p.33). Desta forma, González Rey (2012a) prefere entender Vigotsky como um autor “vivo” com uma impressionante vocação para o teórico e que apresentou contradições no decorrer do brilhantismo de suas ideias sempre implicadas socialmente face as suas influências marxistas não dogmáticas e que o possibilitou a deixar como legado uma teoria geral da psicologia. A expressão “vivo” significa dizer que o pensamento vigotskiano tem como maior característica a abertura de infinitas possibilidades de produção teórica. A brevidade de sua vida, não o deixou dar continuidade as suas auspiciosas ideias. Assim, é um equívoco interpretar sua obra, ou mesmo uma parte dela, como uma teoria cerrada, passível de ser aplicada. Tal compreensão distorce o que em Vigotsky há de mais caro: a sua relação com a dialética.

Em nosso entendimento, essa compreensão de González Rey (2012a, 2012b) gestada a partir de uma intensa arqueologia da obra de Vigotsky, foi condição *sine qua non* para o

³ A compreensão do termo “ontológico” na Teoria da Subjetividade de González Rey se difere do conceito racionalista tradicional que expressa o ontológico como essência última de um fenômeno. Em González Rey, o termo se consagra em se referir a um fenômeno psíquico de uma realidade que se difere qualitativamente de outras formas de realidade.



desenvolvimento da categoria subjetividade em seu pensamento. Entretanto, a Teoria da Subjetividade de González Rey não pode ser considerada um epifenômeno da Teoria Histórico-Cultural de Vigotsky. Portanto, não é possível pensar o desenvolvimento da subjetividade situada em González Rey em vários trabalhos (1997, 2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2007, 2012a, 2012b) sem discorrer sobre as críticas que o autor fez a alguns períodos e ideias de Vigotsky, mas que são na verdade, fruto de uma produção de sentido subjetivo do referido autor e que, recursivamente, vem a representar sua própria produção teórica. É por isso que mesmo sendo extensa, é mister registrar a seguinte passagem, como forma de exemplificar e ratificar essa nossa argumentação:

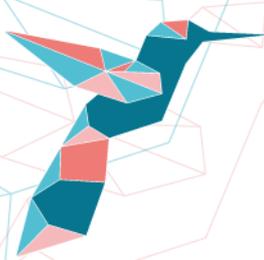
Rubinstein dá um passo muito importante quando escreve: “A dimensão social não se mantém como fato externo com respeito ao homem: ela penetra e desde dentro determina sua consciência” (RUBINSTEIN, 1967, p19)⁴. Nesta afirmação tão simples em aparência, Rubinstein coloca dentro do repertório linguístico possível da psicologia da época a unidade entre o social e o psicológico, rompendo com a divisão mecanicista da externalidade de um em relação ao outro. Esta é uma colocação compartilhada também por Vigotsky, e que representa uma importante premissa para uma compreensão dialética da relação entre o sujeito individual e a vida social que, como veremos a seguir, foi uma das intenções principais desses pioneiros da psicologia soviética. [...]

Contudo, um dos temas polêmicos até hoje é o processo de formação do psíquico a partir do social, a definição de quais são os processos implicados no desenvolvimento da psique histórica e culturalmente configurada. Aqui se faz necessário esclarecer que, tanto Vigotsky como Rubinstein, ao enfatizarem que o social não resulta em uma dimensão externa, não conseguem explicar e aprofundar todas as consequências desse aporte, o qual, em si mesmo, já representa uma forte ruptura com as representações que dominavam a psicologia da época.

Vigotsky tentou solucionar a questão por meio do conceito de interiorização, mas como temos afirmado em outros trabalhos (1995, 1997)⁵, a subjetividade não se internaliza, não é algo que vem de “fora” e que aparece “dentro”, o que seria uma forma de manter a dualidade em outros termos. Na minha opinião, trata-se de compreender que a subjetividade não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura dentro da qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade. Temos de substituir a

⁴ In RUBINSTEIN, S. L. El ser y la consciencia. Havana: Edición Revolucionaria, 1967.

⁵ In GONZÁLEZ REY, F. Personalidad, comunicación y desarrollo. Havana: Pueblo y Educación, 1995. GONZÁLEZ REY, F. Epistemología cualitativa y subjetividade. São Paulo: Educ, 1997.



visão mecanicista de ver a cultura, sujeito e subjetividade como fenômenos diferentes que se relacionam, para passar a vê-los como fenômenos que, sem serem idênticos, se integram como momentos qualitativos da ecologia humana em uma relação de recursividade. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.77-78).

De todo modo, o que está para além da crítica é o reconhecimento de que uma parte da história da psicologia soviética enfrentou uma tendência ao reducionismo sociológico que impactou os estudos dos processos psicológicos com a lógica de forçar o enfoque do psíquico na expressão de alguma materialidade, fato que recebia uma forte influência de interpretação mecanicista do marxismo da hegemonia política da União Soviética. Outrossim, o tema da subjetividade permaneceu eclipsado no prodigioso pensamento da psicologia soviética, que convivia ciente dos significados da dialética para o desenvolvimento rumo a uma totalidade da compreensão dos processos psicológicos mas que era compelida a se expressar num código em acordo às pressões políticas da época (GONZÁLEZ REY, 2012b). Vigotsky não permaneceu imune a este contexto, entretanto, sua obra transcende qualquer tipo de amarras ideopolíticas, quando se observa que, seguindo a melhor das tradições marxistas, seu pensamento baseou-se na conformação da *psique* como sistema em desenvolvimento, “que tem formas de organização que estão além das formas imediatas de comportamento do sistema” (GONZÁLEZ REY, 2005c, p.34). Em Vigotsky, as formas de organização da psique, compreendidas a partir de um sistema complexo, são constituintes da psicologia científica. Essa compreensão ilativa do pensamento vigotskiano, resultou a gênese da subjetividade em González Rey (2005c, p.34):

Vigotsky sempre representou a psique como sistema, mesmo que, em diferentes ocasiões, mudasse sua representação sobre tal sistema. Assim, em determinado momento concreto de sua obra, identificou o sistema com o desenvolvimento e definiu, como sua unidade constitutiva, a vivência; em outro momento, considerou a consciência como sistema, cuja unidade constitutiva foi o significado; finalmente, falou do sentido, mas não chegou a desenvolver o sistema no qual estaria inserido o sentido. Na nossa opinião, o sistema que daria conta do sentido seria precisamente a subjetividade, por esta ter todas as características de um sistema complexo.

Desta forma, em González Rey (2005c, p.35) encontramos a seguinte definição para a subjetividade numa perspectiva cultural-histórica:

[...] um sistema não fundado sobre invariantes universais que teria como unidade central as configurações de sentido que integram o atual e o histórico em cada momento de ação do sujeito nas diversas áreas de sua vida. Dessa forma, a historicidade dos sistemas de sentido



subjetivo aparece como momentos de sentido da ação atual do sujeito, momento este definido pela organização subjetiva da personalidade; mas, ao mesmo tempo, pelo caráter processual da subjetividade o qual se expressa na produção atual de sentidos subjetivos no percurso das ações do sujeito.

O desenvolvimento da teoria de González Rey permeou a produção de algumas categorias que “permanecem pressionadas” pela continuidade das pesquisas e estudos do autor na psicologia e nas ciências antropossociais. É importante acentuar isso porque seria contraditório a partir da compreensão epistemológica incurso do referido autor, tornar hermético suas elaborações teóricas. Com efeito, nossas apresentações sintéticas dessas categorias a seguir, se situam numa primeira aproximação aos seus constructos teóricos, pois entendemos que a clareza das categorias só estaria completada quando estas estivessem articuladas a exemplos em estudos empíricos.

Para González Rey (2005c) a categoria sujeito está implicada obrigatoriamente em qualquer estudo em torno da subjetividade. Inclusive muitas de suas críticas direcionadas às várias correntes epistemológicas da psicologia – das clássicas às pós-modernas - se dão pelo obscurecimento ou completa anulação do sujeito. O autor refuta a compreensão de sujeito situada no racionalismo cartesiano – “o sujeito da razão” - e incorpora a preponderância da emocionalidade como um elemento ontológico à categoria sujeito. “A emoção é uma condição permanente na definição do sujeito” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.236). A categoria sujeito compõe a base da subjetividade por ser ela condição de expressão de sentidos subjetivos produzidos pelo homem, que se manifesta por meio das características dialéticas do social e o do individual.

A emoção, aspecto que determina qualitativamente o sujeito, se coaduna aos processos simbólicos percebidos no sujeito – isso se dá na investigação científica – e que constitui a categoria sentido subjetivo. Os sentidos subjetivos “representam complexas combinações de emoções e de processos simbólicos que estão associados a diferentes momentos da vida” (GONZÁLEZ REY, 2005c, p.41) e assim é definido:

[...] a unidade dos aspectos simbólicos e emocionais que caracterizam as diversas delimitações culturais das práticas humanas em um nível subjetivo. Tais aspectos simbólicos e emocionais se integram recursivamente na delimitação do sentido subjetivo, no qual um evoca o outro sem que um seja a causa do outro. (GONZÁLEZ REY, 2005c, p.43-44).



O escopo do autor ao apresentar estas ideias frente a esta categoria é o de superar qualquer tipo de reducionismo objetivista implicado nas ações dos sujeitos no meio social e tomadas como objeto pelas pesquisas científicas. A ação do sujeito está sempre plurideterminada e se torna inteligível ao nível do teórico, que por sua vez, é sempre uma construção-interpretativa do pesquisador. Ademais, há sempre formas mais complexas de organização dos processos psicológicos, aos quais González Rey (2005c) prefere denominar como configurações subjetivas.

As configurações subjetivas organizam a subjetividade como um sistema complexo (GONZÁLEZ REY, 2005c). Segundo o autor elas “são relativamente estáveis por estarem associadas a uma produção de sentidos subjetivos que antecede ao momento atual da ação do sujeito”. No entanto, alerta González Rey (2005c), o sentido subjetivo nunca é determinado *a priori*, por isso que a produção do sentido subjetivo se dá sempre no percurso da ação ao sofrer o tensionamento das configurações subjetivas. Por ter caráter sistêmico, a categoria configuração subjetiva é potencializadora à compreensão dos processos de subjetivação das atividades do sujeito. Outras duas categorias fundamentais em González Rey na produção teórica em torno das diversas expressões do sujeito, é a subjetividade individual e a subjetividade social.

“A subjetividade individual representa os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.241). Assim, a subjetividade individual expressa a história singular dos sujeitos contextualizadas numa cultura, circunscrita nos mais diversos espaços sociais vividos. A personalidade é um conceito importante na compreensão e no desenvolvimento da categoria subjetividade individual. Entretanto, este conceito segundo uma perspectiva cultural-histórica, deixa de ter uma natureza intrapsíquica, passível de ser medida por testes psicológicos, para ser compreendida como uma configuração subjetiva do sujeito, fruto das experiências históricas e sociais. A assunção de uma organização sistêmica da personalidade na subjetividade individual irá sugerir uma inter-relação entre subjetividade individual e subjetividade social para a compreensão do sentido subjetivo nas ações dos sujeitos.

Em González Rey (2005a) verifica-se a ideia de que a subjetividade não compreende só o sujeito individual, sendo, portanto, necessário entender a dimensão subjetiva dos diferentes processos e instituições sociais. Além disso, a subjetividade social representaria o microcosmo vivido pelos sujeitos que perfazem uma cultura que é produto histórico, mas, que



às vezes possui diferenças importantes em determinados contextos. Uma escola, por exemplo, pode constituir uma subjetividade social distinta da cultura geral de um sistema de educação de uma sociedade. Com efeito, González Rey (2005a, p.209) define subjetividade social como

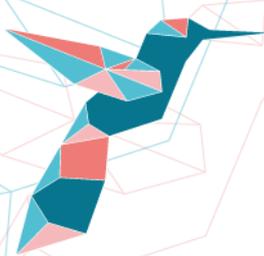
[...] uma produção simbólica e de sentido que constitui um nível diferente de organização ontológica da sociedade. Ela não é a reprodução dos complexos processos objetivos – infra-estruturais, de relação, de organização, etc., que caracterizam a sociedade e dentro dos quais eles são gerados, mas uma nova forma de constituição do tecido social em relação aos inúmeros aspectos objetivos que caracterizam a vida das pessoas nos diversos espaços da vida social, cuja articulação como sistema se dá precisamente nos sentidos e significados que circulam de forma simultânea nos espaços sociais e nos sujeitos que os constituem. (GONZÁLEZ REY, 2005a, p.209).

A categoria subjetividade social apresenta um valor heurístico importante e que tem oportunizado diferentes áreas do conhecimento a tomar emprestado à Teoria da Subjetividade numa perspectiva cultura-histórica como referencial de estudo. Na psicologia, a categoria alarga a compreensão dos processos psicológicos na disposição em acessar os sujeitos implicados socialmente.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA

Observando os estudos de González Rey (1997, 2005a, 2005b, 2005d) compreendemos a Epistemologia Qualitativa como a expressão científico-metodológica da Teoria da Subjetividade numa perspectiva cultural-histórica. Ela se apresenta como uma possibilidade metodológica aos estudos que procuram compreender a dimensão subjetiva de um fenômeno que se caracteriza ontologicamente como complexa.

O nascimento da terminologia “Epistemologia Qualitativa” merece alguns esclarecimentos. A proposta foi assim denominada a partir da publicação *Epistemología cualitativa y subjetividad* em 1997. Foi cunhada por González Rey procurando se aproximar qualitativamente aos estudos do campo da psicologia e das ciências antropológicas ao mesmo tempo em que radicalmente se apresentasse como opositora das características ateóricas impostas pela tradição do positivismo que impôs a prática de pesquisa fundada no modelo de descrição e quantificação de dados só possíveis de serem validados por meio de estatística (GONZÁLEZ REY, 2005d). A objeção ao positivismo se dava na medida em que este foi assimilado pela psicologia negando o seu principal objeto: a subjetividade. Se por um lado a



abordagem da pesquisa qualitativa mostrou-se um importante elemento de confrontação à dominação do positivismo, por outro, a adesão a esta abordagem de pesquisa foi, segundo González Rey (2005d), paulatinamente sendo corrompidas pelo instrumentalismo que consagrou a técnica em detrimento à reflexão, reificando o empírico e hipertrofiando a produção teórica.

A subjetividade numa perspectiva cultural-histórica, requer um novo pensar e fazer científico. Dito isso, podemos dizer que a Epistemologia Qualitativa abre, de forma inovadora, um horizonte metodológico no âmbito da pesquisa qualitativa aos estudos nas ciências antropológicas. Uma síntese possível pode ser assim destacada: a) a pesquisa pressupõe um caráter construtivo-interpretativo do conhecimento; b) a legitimação do singular como produção de conhecimento; c) o processo de comunicação e a dialogicidade como característica particular das ciências antropológicas.

Sobre o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, González Rey (2005d, p.6) assim se expressa:

[...] desejamos enfatizar que o conhecimento é uma construção, uma produção humana, e não algo que está pronto para conhecer uma realidade ordenada de acordo com as categorias universais do conhecimento. Disso surgiu o conceito de “zona de sentido”, definido por nós como aqueles espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica. Tal conceito tem, então, uma profunda significação epistemológica que confere valor ao conhecimento, não por sua correspondência linear ou imediata com o “real”, mas por sua capacidade de gerar campos de inteligibilidade que possibilitem tanto o surgimento de novas zonas de ação sobre a realidade, como de novos caminhos de trânsito dentro dela através de nossas representações teóricas.

Assim, o conhecimento científico se dá pela sua capacidade de permanecer reativo à confrontação de novos pensamentos que se processam nas experiências com o empírico. Sobre esse princípio, o autor alerta para a necessária diferenciação entre os termos interpretação e construção, já que o primeiro implica o segundo. Embora o empírico seja um aspecto relevante na Epistemologia Qualitativa, a ideia de construção estabelecida aqui nessa discussão, não se associa obrigatoriamente a um referencial empírico. Nesse sentido, a construção de uma categoria conceitual tem caráter especulativo, “a construção é um processo eminentemente teórico” (GONZÁLEZ REY, 2005d, p.7). Logo, a Epistemologia Qualitativa



oferece uma metodologia orientada pela busca de produção teórica sobre um determinado fenômeno ou, como prefere o autor, de modelos teóricos de inteligibilidade.

A valorização da característica teórica da pesquisa fundada na Epistemologia Qualitativa é fator preponderante para que se estabeleça a legitimação do singular como fonte de conhecimento científico. Esse aspecto representa uma severa inflexão a como a psicologia e as ciências antropossociais tradicionalmente legitimam a cientificidade do conhecimento, que hipervalorizam o procedimento técnico que “colhe” dados do empírico em detrimento à reflexão criativa do pesquisador. Registra-se que a lógica de “coletar dados” – expressão chavônica na ciência – merece uma análise crítica com a qual podemos redefini-la à luz da produção teórica nas ciências antropossociais:

[...] o dado, mais que uma expressão de respeito à realidade tal qual ela se apresenta, argumento que tem apoiado os autores positivistas a sustentarem a legitimidade do caráter científico da pesquisa, representa a primeira grande evidência de que qualquer aproximação à realidade é, inevitavelmente, uma expressão do conceito de realidade que precede e organiza tal aproximação. Portanto, fora a definição ontológica e epistemológica em que o conceito de dado definiu seu valor, não há nenhum sentido em continuar definindo a coleta de dados como uma etapa da pesquisa: em primeiro lugar, porque realmente os dados não se coletam, mas se produzem e, em segundo lugar, porque o dado é inseparável do processo de construção teórica no qual adquire legitimidade. (GONZÁLEZ REY, 2005d, p.100).

Ao pensar nesses termos, González Rey (2005d) inverte o critério de legitimidade científica do nível empírico para o nível teórico, sendo este só possível caso a singularidade do trabalho pensante do pesquisador se situe como núcleo da produção de conhecimento. O material empírico integra as ideias do pesquisador e são organizados num tecido metodológico com o qual o pesquisador se mantém protagonista no curso da pesquisa e nunca refém. A preservação desse processo é que dá legitimidade ao conhecimento produzido. Logo, o pesquisador está implicado intelectualmente na pesquisa e “a informação única que o caso singular nos reporta não tem outra via de legitimidade que não seja sua pertinência e seu aporte ao sistema teórico que está sendo produzido na pesquisa” (GONZÁLEZ REY, 2005d, p.12).

A negação do instrumentalismo na Epistemologia Qualitativa se evidencia pela comunicação e o dialógico como vias privilegiadas para se conhecer a subjetividade, tendo



nelas o eixo metodológico particular nas ciências antropológicas. Porém, alguns apontamentos se tornam necessários no sentido de diferenciação de outras abordagens de pesquisa que têm na comunicação o foco central para a construção de conhecimento. Nesse sentido, entendemos como obrigatória a leitura da seguinte passagem em González Rey (2005d, p.14):

O lugar que atribuímos à comunicação como espaço primordial para a manifestação do sujeito crítico e criativo na pesquisa tem, de fato, um papel essencial para superar o que denominamos [...] Epistemologia da Resposta, a qual é, em realidade, uma reprodução, em termos epistemológicos, do princípio estímulo-resposta dominante durante toda a primeira metade do século XX na construção do pensamento psicológico. A metodologia, em sua concepção instrumental, apresentou-se como sequência de estímulos, seja pranchas, perguntas, sensações seja outros que, organizados em determinados procedimentos, procuravam a resposta do sujeito como unidade de informação essencial para a construção do conhecimento. **A Epistemologia Qualitativa procura subverter tal princípio e converter a produção do sujeito, o complexo tecido informacional que este produz por diferentes caminhos, no material privilegiado para construir o conhecimento, rompendo assim com um dos princípios mais arraigados do imaginário da pesquisa ocidental: o fato de compreender a pesquisa, em sua parte instrumental, como a aplicação de uma sequência de instrumentos, cujos resultados parciais serão a fonte do resultado final.** (GONZÁLEZ REY, 2005d, p.14-15 – grifo nosso).

A subversão reclamada pelo autor tem como principal princípio o completo distanciamento de qualquer tipo de apriorismo instrumental ou categorial no processo de produção da informação. Os sujeitos da pesquisa precisam estar – assim como o pesquisador – implicados em sua subjetividade no curso da pesquisa, tornando-se, portanto, não mais um “conjunto da amostra” mas sim efetivos colaboradores de pesquisa. Ademais, a lógica estímulo-resposta dos instrumentos padronizados denunciados na passagem acima, também evidenciam a completa desconsideração dos elementos sociais constituidores do contexto metodológico, fato que a Epistemologia Qualitativa procura romper resignificando a definição de instrumento nos seguintes termos: a) o instrumento é um meio para provocar a expressão do sujeito; b) o instrumento é apenas uma fonte de informação que deve estar separada de qualquer categoria teórica pré-estabelecida; c) os instrumentos precisam possuir articulação interna perfazendo um sistema integrado; d) os instrumentos subjazem as expressões simbólicas e singulares dos sujeitos; e) os instrumentos precisam ter potencial de



envolvimento emocional dos sujeitos, aspecto fundamental para a produção de sentido subjetivo; f) os instrumentos não possuem regras padronizadas de elaboração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido registrar que a pesquisa que toma por base a Epistemologia Qualitativa como referencial metodológico, está circunscrevendo o seu estudo à dinâmica da subjetividade como significação ontológica do conhecimento. Portanto, embora tenhamos apresentado a Epistemologia Qualitativa como “expressão metodológica da teoria da subjetividade”, é mister afirmar que o anseio fundante dessas ideias aqui apresentadas transcende qualquer perspectiva pragmática da metodologia científica, procurando ter no qualitativo a expressão maior da discussão epistemológica nas ciências antropológicas, incluindo também a educação física.

Finalmente, podemos observar que as construções teóricas de González Rey assumem uma apropriação da dialética marxista enriquecida pela absorção do paradigma da complexidade⁶, sendo estes, por conseguinte, os principais esteios filosófico-epistemológicos de sua teoria, que reafirmamos se encontrar em curso. O desenvolvimento dela transcendeu a psicologia e cada vez mais tem se inserido nas ciências antropológicas, em especial na educação e na saúde, fato que nos encoraja ainda mais a apresentá-la na comunidade científica da educação física.

Physical Education and Theory Subjectivity: first approaches to Qualitative Epistemology

Abstract: This paper presents the theory of subjectivity in a cultural-historical perspective and the Qualitative Epistemology, contributions of scientific thought the Cuban psychologist González Rey Identifies a possibility of inclusion of these theories to the epistemological debate physical education specifically at the interface with the antropológicas sciences..

Keywords: Epistemology; subjectivity; Physical Education.

⁶ Escapou-nos explorar as contribuições de Edgar Morin no desenvolvimento da Teoria da Subjetividade de González Rey na mesma proporção da dialética marxista da escola psicológica soviética. Assim fizemos por compreender que Morin não constitui a gênese do pensamento de González Rey, embora alguns autores procurem estabelecer nexos entre o pensamento complexo à obra de González Rey, como é o caso de Mitjans Martínez (2005) e Scoz (2009).



Educación Física y Teoría del Subjetividad: primero enfoque en Epistemología
Cualitativa

Resumen: En este trabajo se presenta la teoría de la subjetividad desde una perspectiva histórico-cultural y la cualitativa Epistemología, las contribuciones del pensamiento científico el psicólogo cubano González Rey Identifica una posibilidad de inclusión de estas teorías al debate de la educación física epistemológico específicamente en la interfaz con las ciencias antropossocias.

Palabras clave: Epistemología; subjetividad; Educación Física.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. **Emancipação e diferença na educação**: uma leitura com Bauman. Campinas: Autores Associados, 2006.

FENSTERSEIFER, Paulo. **A Educação física na crise da modernidade**. Ijuí, RS: Unijuí, 2001.

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. Havana: Pueblo y Educación, 1997.

_____. **Personalidade, saúde e modo de vida**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

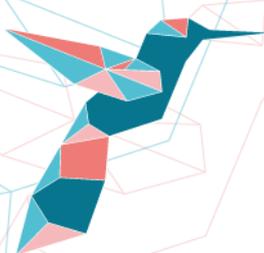
_____. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação pedagógica. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005c.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005d.

_____. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In.: TACCA, M. C. V. R. (Org). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Editora Alínea, 2006.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

_____. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade:** uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2007.

_____. **Subjetividade e Saúde:** superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O social na psicologia e a psicologia no social:** a emergência do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. **O pensamento de Vigotsky:** contradições, desdobramentos e desenvolvimento. São Paulo: Hucitec, 2012b.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e “mente”.** Campinas: Papirus, 1983.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SCOZ, B. A subjetividade na psicopedagogia: algumas reflexões. **Construção Psicopedagógica.** São Paulo, v.17, n.14, 60-74, jun/2009.